



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**MÃES NO PATRIARCADO**

**Reportagem sobre as dificuldades na maternidade enfrentada por diferentes mulheres**

Lizandra Rocha

Campo Grande  
Julho /2025

**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



## **MÃES NO PATRIARCADO**

**Reportagem sobre as dificuldades na maternidade enfrentada por diferentes  
mulheres**

**Lizandra Rocha**

Relatório apresentado como requisito parcial  
para aprovação na Componente Curricular  
Não Disciplinar (CCND) Trabalho de  
Conclusão de Curso (TCC) do Curso de  
Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e  
Comunicação (FAALC) Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientadora: Katarini Giroldo Miguel

### **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Título do Trabalho: “Mães no patriarcado”**

**Acadêmica:** Lizandra Rocha

**Orientadora:** Katarini Giroldo Miguel

**Data:** 02/07/2025

**Banca examinadora:**

1. Tais Marina Tellaroli Fenelon
2. Rosimeire Manoel Seixas

**Avaliação:** ( x ) Aprovado ( ) Reprovado

**Parecer:** A banca destacou o potencial do trabalho para gerar debates e reflexões e sugeriu prosseguir com novas abordagens. São necessárias apenas correções pontuais na reportagem.

Campo Grande, 2 de julho de 2025.

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Katarini Giroldo Miguel, Professora do Magistério Superior**, em 02/07/2025, às 18:15, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 04/07/2025, às 15:20, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufms.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5671756** e o código CRC **8AADE5F6**.

**COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)**

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

---

**Referência:** Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 5671756



## **AGRADECIMENTOS**

Uma vez perguntei a minha mãe se caso eu não conseguisse estudar em uma Universidade pública, ela conseguiria pagar uma faculdade particular. Sem pensar e, no mesmo instante, ela respondeu que sim. Mesmo minha mãe trabalhando como diarista, ela não mediria esforços para ver a filha dela se formando em uma profissão que pudesse dar um futuro mais generoso do que ela teve. Então, se hoje me formo em Jornalismo é graças a minha mãe que sempre me apoiou e teve orgulho de mim, tanto que quando fui aprovada no Vestibular, ela disse para todos que conhecia que a filha dela faria Jornalismo na Universidade Federal. Meu primeiro agradecimento é dedicado a você, mãe!

Agradeço, em especial, à professora Katarini Miguel, que, por estar à frente de causas feministas, aceitou me orientar neste trabalho, reconhecendo a importância que ele tem, especialmente para as mulheres. Sua confiança, seu conhecimento e seu comprometimento foram fundamentais para que eu pudesse desenvolver uma reportagem da qual me orgulho.

Aos meus colegas de curso, Gabriel Issagawa e João Pedro Buchara, agradeço pelo apoio e amizade construídos ao longo desses cinco anos de graduação. Em especial, agradeço ao João Pedro, que não mediu esforços para colaborar com as fotografias que compõe esta reportagem e, com suas palavras de incentivo, me fortalecer nos momentos em que duvidei da minha capacidade.

Agradeço a todos os meus familiares que confiaram em mim. Em especial a minha tia Regina, que, assim como minha mãe, sempre demonstrou orgulho pelas minhas conquistas e não cansava de dizer que tinha uma sobrinha que seria Jornalista. Além, claro, de brincar dizendo que eu seria a próxima Renata Vasconcellos.

Agradeço a Victória Amorim que esteve à frente da diagramação da reportagem e fez um trabalho impecável, com muita dedicação, compreensão e carinho.

Em dezembro de 2024, minha segunda mãe faleceu devido a um câncer que combatia pela terceira vez. Minha sogra foi uma pessoa muito importante em minha vida, e sei que estaria orgulhosa em me ver concluindo essa graduação. Onde quer que ela esteja, que sinta o meu agradecimento.



## SUMÁRIO

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Resumo                        | 6  |
| Introdução                    | 7  |
| 1. Atividades desenvolvidas   | 9  |
| 1.1 Execução                  | 10 |
| 1.2 Dificuldades encontradas  | 15 |
| 1.3 Objetivos alcançados      | 16 |
| 2. Suportes teóricos adotados | 18 |
| Considerações finais          | 28 |
| Referências                   | 30 |
| Apêndice                      | 34 |



## **RESUMO:**

“**Mães no Patriarcado**” é uma reportagem narrativa que busca desmistificar a romantização da maternidade por meio da história de cinco mulheres que vivenciaram a sobrecarga da dupla jornada de trabalho ao se tornarem mães. O texto é dividido em quatro subtítulos, que abordam temas como a maternidade solo, exclusão no mercado de trabalho, aborto, transtornos psicológicos e violência obstétrica. Além das fontes personagens, que são o foco central da reportagem, foram utilizadas fontes documentais e duas entrevistas com especialistas, sendo uma delas economista da Universidade de São Paulo (USP). A reportagem foi planejada visualmente com fotos, ilustrações e infografias no formato pdf e está disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/452ed849f4.html>

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Maternidade; patriarcado; reportagem narrativa; machismo



## INTRODUÇÃO

Durante séculos a figura da mulher foi reduzida, ao menos nas sociedades ocidentais, às funções primárias de reproduzir, amamentar e criar os filhos. Estas funções foram caracterizadas pelas chamadas sociedades patriarcais à medida em que os homens eram considerados superiores por terem direitos que eram negados às mulheres (Delphy, 2015). Tais sociedades impõe a elas o papel de cuidadoras e mães da mesma maneira que também estabelece condições que tornam o maternar um processo muitas vezes solitário, sem rede de apoio familiar, econômico e social.

O papel da mulher e da mãe, por muito tempo em nossa sociedade, esteve ligado a categorias secundárias de pertencimentos e lugares. Esta posição pode ser percebida por meio dos discursos políticos e/ou religiosos que a colocavam em um lugar de submissão em que sempre devia obediência ao marido e tinha um lugar subalterno no quadro familiar. Este lugar de submissão ocupado pelas mulheres nos falava de impotência e insignificância. (Emídio; Hashimoto, 2008, p.28).

De acordo com Moura (2004) a romantização da maternidade fortaleceu-se no século XVIII, e a partir desse período a exaltação do materno passou a ser vista como um valor natural e social. Essa ideia de amor estabelecida pela sociedade da época fez com que as mulheres priorizassem mais os cuidados com o bebê, esquecendo-se de cuidar de si mesmas. O papel da mãe se dividia em amamentar, zelar e dar carinho para seus filhos e desta forma a maternidade foi se constituindo de modo a se tornar algo desejável e agradável entre as mulheres. Algumas vertentes sociológicas buscaram na fisiologia a confirmação para um suposto instinto materno das mulheres, porém é inviável classificar a maternagem como decorrência direta da reprodução, até mesmo porque, desta maneira, a experiência feminina seria reduzida a dois polos – as mães e as mulheres ‘fracassadas’ – sem levar em consideração a trajetória de cada uma (Zolin; Tardivo, 2021). Para Badinter (2011) não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade e a escolha por um deles depende estritamente da história pessoal e cultural de cada mulher.

Amarante (2022) ressalta, por meio de um estudo realizado em 2020 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad), que a presença da mulher é maior quando comparada à do pai porque historicamente a sociedade cobra mais a presença e a atenção da mãe, da mesma maneira que também condena aquelas que deixam seus filhos aos cuidados de outra pessoa para conseguir trabalhar ou ter um momento de lazer. Quando uma mulher é mãe solo, a



sobrecarga de cuidar do filho é dada somente a ela, mas quando uma mulher tem um relacionamento conjugal, é esperado que o conjugue faça o papel que lhe cabe. Entretanto, não é isso que acontece em todas as relações e em alguns casos a mulher fica sobrecarregada ao cuidar dos filhos e da casa.

Por meio desse contexto histórico, este trabalho busca desmistificar a romantização da maternidade que tem origem na consolidação de uma sociedade machista e patriarcal<sup>1</sup>. A reportagem é estruturada em quatro subtítulos, que apresentam relatos de mulheres que enfrentam desafios ao se tornarem mães.

O primeiro intitulado como “**Marcas do abandono**”, aborda temas como a maternidade solo, gravidez na adolescência e exclusão no Mercado de Trabalho. O segundo “**Pai de Cartório**”, discute a figura de homens que reconhecem legalmente os filhos, mas ao mesmo tempo se ausentam dos cuidados, além de relatar também assuntos associados a violência obstétrica. No terceiro “**Eu não nasci mãe**”, traz o mito do amor materno, que parte da crença de que toda mulher nasce com o instinto de ser mãe, além de abordar também a temática do aborto. Por fim, o quarto subtítulo “**Montanha russa de emoções**”, expõe os transtornos mentais vivido por mulheres durante o puerpério.

O formato de reportagem narrativa foi escolhido por permitir uma abordagem mais aprofundada das histórias das fontes-personagens, que são o foco central deste trabalho. Conforme Sérgio Vilas Boas, o jornalismo narrativo é a construção de uma reportagem que exige tempo, pois é necessário que o jornalista tenha uma observação minuciosa para poder fazer uma descrição detalhada do fato. Para ele os personagens são os mais importantes para a construção narrativa, pois é a partir deles que o jornalista pode escolher o tema que deseja abordar e de que forma contará a história. Os personagens que vivenciaram um fato são mais importantes de serem ouvidos do que aqueles que analisam a situação. Portanto, trabalhar com o jornalismo narrativo no formato de grande reportagem textual, neste contexto proposto pelo jornalista, é capaz de gerar reflexões que podem levar a possíveis mudanças sociais devido à capacidade que o jornalista tem de trazer ao público informações mais aprofundadas, humanizadas e contextualizadas sobre o tema que está abordando.

---

<sup>1</sup> A palavra patriarcal se origina da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem, comando). A expressão refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder. Fonte: Dicionário crítico de gênero



## **1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

- Pesquisa bibliográfica
- Levantamento de dados
- Escolha das entrevistadas
- Roteiro de perguntas/entrevistas
- Redação/edição
- Revisão
- Planejamento visual/diagramação
- Elaboração do relatório final.



## **1.1 Execução:**

A construção deste trabalho teve início em março de 2024, com a elaboração do pré-projeto, quando defini que o tema seria sobre a sobrecarga da maternidade em diferentes mulheres. Durante a concepção, realizei pesquisas bibliográficas e temática dos assuntos que poderiam ser abordados na reportagem e depois escolhi minhas fontes. Prioritariamente, foram selecionados, temas como a maternidade solo, exclusão no mercado de trabalho e transtornos mentais por estarem diretamente associados a sobrecarga da dupla jornada de trabalho exercidas pelas mulheres. No entanto, esse trabalho não se limitou a essas temáticas. Ao longo das entrevistas surgiram relatos de temas relevantes contados pelas fontes, que também foram acrescentados na construção da narrativa.

Nas escolhas das fontes, optei por trabalhar apenas com cinco fontes-personagens, ou seja, mulheres que viveram alguma dificuldade na maternidade (seja na gestação, no parto ou no pós-parto) e que estivessem alinhadas aos temas centrais previamente escolhidos. A seleção dessas fontes foi prioridade, uma vez que, a partir de suas histórias, seria possível delinear quais aspectos, além das temáticas inicialmente escolhidas, seriam abordados na reportagem.

A estudante de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Thays Colman, de 23 anos, foi a primeira fonte que consegui, por meio de uma postagem feita no meu Instagram. Ela é mãe de um menino de três anos e enfrentou transtornos psicológicos após a gestação. Por indicação da própria Thays, conheci minha segunda fonte: a autônoma Gleyce Souza, de 22 anos, mãe de uma menina de dois anos. Ela teve uma pós-gestação desafiadora, sendo a principal responsável pelos cuidados da filha, mesmo residindo com o pai da criança. Além disso, relatou não sentir de imediato, o amor incondicional ao se tornar mãe, experiência que contraria o mito socialmente construído do amor materno. A terceira fonte foi indicada por Marilza, liderança da ocupação Lagoa Park, em Campo Grande. Trata-se da dona de casa Gleisse Kelly da Costa Salinas, de 24 anos, mulher negra que vive com a filha de sete anos na ocupação. Gleisse tornou-se mãe solo na adolescência, foi vítima de violência doméstica e sofreu exclusão no mercado de trabalho por ser mãe e também por ser uma mulher negra.

A quarta fonte foi indicada por uma colega de trabalho, a psicóloga infantil Dannielly Motti, de 37 anos, mãe de um menino de 11 anos e de uma menina de 6 anos. Assim como



Thays, ela também enfrentou transtornos mentais durante o puerpério da segunda filha, mesmo tendo uma rede apoio como familiares, amigos e marido. A quinta fonte é uma colega que estudou comigo no Ensino Médio, Maria Eduarda França, estudante de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), de 23 anos, mãe atípica de um menino de três anos. Ela cuida sozinha do filho, que tem Transtorno do Espectro Autista (TEA), e foi vítima de violência obstétrica durante um exame morfológico.

Após o contato com elas, realizado pelo WhatsApp, com exceção da Maria Eduarda, em que a comunicação foi pelo Instagram, expliquei o objetivo do meu trabalho e agendei as entrevistas que foram todas realizadas de forma presencial. Para ajudar no andamento da apuração, controle das fontes, dados e roteiro de perguntas norteadoras, utilizei um documento na plataforma Google Docs que serviu como um suporte para essas informações. O roteiro de perguntas norteadoras está nos apêndices.

Três entrevistas foram feitas em 2024 e as outras três, em janeiro de 2025. Todas ocorreram na residência das entrevistadas, exceto com a entrevista de Thays, que foi feita em minha casa, priorizando um ambiente de conforto e de intimidade, e que pudesse também me permitir descrever o ambiente em que elas viviam.

Durante esse processo, contei com a ajuda do também acadêmico de Jornalismo João Pedro Buchara, que fotografou e editou algumas fotos que compõe a reportagem. As imagens foram produzidas com o objetivo de representar momentos entre mãe e filho, evidenciando que o tema abordado se relacionava a maternidade. Para isso, optei em registrar fotografias no formato retrato e ambiente doméstico a fim de transmitir proximidade e intimidade, além de imagens de detalhes como as mãos, que podem transmitir emoções ao leitor, como nervosismo e afeto. De equipamentos utilizei apenas o gravador de voz do meu celular, uma lapela e um caderno de anotações.

### **Construção textual**

Com as entrevistas realizadas, iniciei o processo de produção textual em janeiro de 2025. Como os áudios tiveram minutagens entre 40 minutos e 1 hora, não decupei manualmente. Utilizei o aplicativo gratuito Turbo scribe que decupou 30 minutos de áudio e o restante fui escutando e escrevendo as partes que achava interessante colocar no texto. Além das fontes-personagens, utilizei fontes documentais, como artigos e dados obtidos pelo Instituto Brasileiro



de Geografia e Estatística (IBGE), Painel de Monitoramento de Nascidos Vivos do Governo Federal, Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades (Made), Fundação Perseu Abramo, Pesquisa Nacional do Aborto e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Durante a construção da reportagem, percebi que, embora meu objetivo inicial fosse utilizar apenas fontes-personagens e documentais, alguns assuntos exigiam o apoio de fontes especialistas, para que fossem explicados de maneira mais aprofundada. Para falar sobre transtornos mentais, consegui o contato do psicólogo Thiago Machado Ayala de Oliveira por meio da assessoria do Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (Humap-UFMS). Ele tem conhecimento na área devido aos trabalhos realizados com mulheres, voltados à temática dos transtornos mentais vividos durante o puerpério. Para abordar a questão da exclusão no mercado de trabalho, entrevistei, pelo WhatsApp, a economista e pesquisadora do Made, Amanda Martinho Resende, que reside em São Paulo. O objetivo do Made é estudar as desigualdades raciais sob os pontos de vista da Economia e do Direito, e suas interseções.

A estrutura do texto foi dividida em quatro subtítulos. Ao analisar as histórias relatadas pelas minhas entrevistadas, abri a reportagem com a história de Gleisse Kelly, intitulada **“Marcas do abandono”**, que retrata a maternidade solo, a gravidez na adolescência e a exclusão do mercado de trabalho. Em seguida, por estar inserida em um contexto semelhante de maternidade solo, contei a história de Maria Eduarda França, em **“Pai de Cartório”**, que trata de homens que registram os filhos, mas são ausentes nos cuidados, além de abordar também a violência obstétrica. No terceiro texto, **“Eu não nasci mãe”**, relato a vivência de Gleyce Souza, que aborda o mito do amor materno — a ideia de que as mulheres nascem com o instinto de serem mães — e também traz a temática do aborto. No último, **“Montanha-russa de emoções”**, exponho os transtornos mentais vividos por Thays Colman e Dannielly Motti durante o puerpério.

Conforme avançava nas unidades textuais, dei início ao resumo que acompanha a reportagem e escolhi o título de abertura: **“Fora dos Contos de Fadas”**, fazendo uma analogia ao modelo fantasioso que muitas pessoas têm ao acreditar que a maternidade tem apenas lados positivos. Após finalizar o texto, escrevi a linha fina e enviei para a correção da minha orientadora e, em abril de 2025, para a diagramação.

Como o tema da sobrecarga da maternidade pode ser vivenciado por qualquer mulher, e não apenas por aquelas que vivem em Campo Grande (MS), optei por não fazer um recorte de



dados restrito à capital ou ao estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, considerei que alguns indicadores, como aqueles relacionados ao aborto e à violência obstétrica, poderiam ser de difícil acesso. Por esse motivo, ampliei minha pesquisa, utilizando referências em âmbito nacional, abrangendo o contexto do Brasil.

### **Diagramação**

O curso de jornalismo é muito amplo e além de aprendermos a escrever matérias, também aprendemos a diagramá-las. Porém, durante esses quatro anos de graduação, a diagramação nunca foi meu forte e, por isso, terceirizei essa função para a Victória Amorim, formada em jornalismo pela UFMS. Nosso primeiro contato foi por meio do WhatsApp, no qual perguntei a disponibilidade dela em realizar o serviço, e prontamente ela aceitou. Ainda em abril fizemos uma chamada de vídeo via Google Meet para ela montar o *briefing* da diagramação que seria em PDF, e orçarmos o trabalho. Além da diagramação, Victória também ficou responsável pelas ilustrações e infográficos. O Briefing e o print das páginas diagramadas estão nos apêndices deste relatório.

Todo o processo da construção visual da reportagem foi desenvolvido em comum acordo com a diagramadora e sempre priorizando as minhas escolhas. Assim que ela finalizava uma parte da diagramação, me enviava o arquivo para analisar e sugerir modificações. Como a proposta da reportagem era desromantizar a maternidade, orientei que fossem utilizadas cores fortes, como vermelho e preto, que foram usadas nas fotografias e infográficos. A escolha estética teve como objetivo evitar que a leitora associasse a temática a uma visão romantizada ou “idealizada” da maternidade. Uma das minhas preocupações era minimizar possíveis julgamentos por parte do público leitor ao lerem determinados assuntos, como por exemplo o aborto e a gravidez na adolescência. Para evitar que isso acontecesse, foram utilizadas janelas no texto, incluindo uma que evidenciava uma frase descrita no resumo “Não devem ser julgadas, mas compreendidas”. A minha orientadora, Katarini Miguel, também acompanhou esse processo e contribuiu com sugestões de como a diagramação poderia ser organizada de maneira a deixar o texto menos cansativo e mais convidativo. Em uma segunda reunião feita via Google Meet com a participação da diagramadora, a Katarini deu a sugestão de seguirmos o modelo gráfico do Projétil, trabalhando com 60% texto e 40% imagem.

A capa foi o último elemento a ser feito e, para essa construção, pedi que fosse criada uma



ilustração com os rostos das minhas entrevistadas reforçando que elas são as protagonistas. Além da ilustração, a capa inclui o título “Mães no Patriarcado” que faz referência ao sistema estrutural ao qual essas mães estão inseridas, e uma linha fina que contextualiza o conteúdo. O projeto gráfico foi estruturado em capa, contracapa e páginas duplas, totalizando 10 páginas. Foram produzidos quatro infográficos, sete colagens com as fotografias das mães e uma ilustração exclusiva para a capa. Como as imagens das mães foram trabalhadas no formato de colagens e nas cores preto e vermelho, também foi criada uma galeria fotográfica que expõe as imagens originais, distribuída nas duas últimas páginas.



## **1.2 Dificuldades Encontradas**

Quando escolhi fazer uma reportagem narrativa, eu tinha em mente que seria fácil devido as minhas experiências no curso. Porém, escrever uma reportagem de 15 páginas, com mais de 40 mil caracteres como Projeto Experimental, exigiu de mim muita paciência e autoconfiança, pois na maioria das vezes duvidei da minha capacidade em concluí-la.

A princípio estava combinado com a minha orientadora que eu iria defender o meu produto em dezembro de 2024. Porém, em decorrência de eu estar cumprindo estágio obrigatório em um Jornal no período da tarde, não sobrava tempo para me dedicar à produção da reportagem e optei por apresentá-lo em junho de 2025, mas para isso acontecer também precisei abrir mão de trabalhar remunerado e me dedicar exclusivamente ao meu TCC.

Durante a escolha de fontes personagens, havia uma mulher que seria muito necessária para a minha reportagem. Ela é mãe e tem uma página no Instagram que aborda o tema da sobrecarga da maternidade em mulheres. Porém, o contato com ela foi um pouco difícil, pois ela demorava para responder e, quando finalmente obtive contato, ela não poderia me conceder uma entrevista devido à falta de tempo.

Outra dificuldade que encontrei foi na localização de dados recentes sobre aborto e violência obstétrica. A maioria dos casos não são divulgados por órgãos públicos e os dados que consegui encontrar foram em artigos.



### **1.3 Objetivos Alcançados**

Considero que o objetivo geral deste trabalho, que consistia em produzir uma grande reportagem narrativa em texto sobre os impactos causados na mulher pela sobrecarga na maternidade conjugal foi alcançado, mas com alguns ajustes realizados durante o desenvolvimento do trabalho.

Inicialmente a proposta era abordar somente histórias de mulheres que eram mães, possuíam parceiros (sejam marido ou namorado) e que precisassem lidar com a dupla jornada de trabalho, dividindo-se entre o cuidado da casa e dos filhos, sem o devido apoio do companheiro. No entanto, quando comecei a pensar melhor sobre o tema e as problemáticas envolvidas, percebi que seguir esse recorte excluiria, por exemplo, as mães solas que representam 11 milhões no Brasil, conforme o Censo Demográfico de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, eu também quis abordar a problemática da exclusão de mulheres no mercado de trabalho associado ao fato de serem mães, e que sofrem estando ou não em um relacionamento.

Dessa forma, mantive o objetivo geral em termos de formato e proposta, mas não restringi as problemáticas apenas à maternidade conjugal. A reportagem, portanto, passou a abordar os impactos da sobrecarga da maternidade na vida de diferentes mulheres, sejam elas casadas, solteiras ou mães solo, para que pudesse gerar uma maior representatividade brasileira.

No que se refere aos objetivos específicos, todos também foram devidamente alcançados. O primeiro pretendia narrar a construção da maternidade no âmbito cultural e social para que pudessemos entender como a maternidade era vista em diferentes épocas até a atualidade e foi cumprido no resumo da reportagem.

O segundo pretendia relatar a sobrecarga psicológica nas mulheres que cuidam da casa, trabalho e dos filhos e foi concluído por meio de pesquisa de dados e entrevistas.

O terceiro objetivava desconstruir a romantização da maternidade para que as mulheres pudessem entender que não existem regras em como elas devem se sentir diante a maternidade, e este objetivo também foi atingido por meio de pesquisas bibliográficas e entrevista.

Por fim, concluo que foram poucas as alterações nos objetivos que pretendia alcançar durante todo o processo de construção da reportagem. Houve facilitação em encontrar fontes que viveram tais dificuldades na maternidade e, embora encontrar certos dados como aborto e



violência obstétrica, tenha sido trabalhoso, consegui inseri-los após muitas pesquisas.



## 2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

### 2.1 Maternidade como mito

O verbo ‘maternidade’ pode ter dois significados quando é pesquisado no Google, podendo significar a relação de parentesco com filhos, ou o local onde a mulher costuma parir. O termo mãe é amplo e pode fazer menção à mulher que pariu; à mulher responsável pelo filho sem tê-lo parido ou àquela que também é responsável legalmente, mas que não se ocupa do filho. Mas o materno é o adjetivo usado pelas pessoas para descrever apenas a presença da mãe nos cuidados com o filho. Entretanto esse termo pode ser associado ao pai que também cuida e cria os seus filhos com o mesmo zelo, como descrito pela antropóloga norte-americana Margaret Mead que associou o termo ao cuidado carinhoso e ostensivo que os pais do povo Arapesh<sup>2</sup> tinham com seus filhos recém-nascidos. Apesar disso, Iaconelli (2023, p.21) ressalta que:

O termo “mãe” se liga ao mito de que a genitora é o tipo preferencial de mãe, aquela que teria dotes naturais para a função. Nesse caso, diz-se, desde o tempo do Império, que “Mãe só tem uma!”, para distingui-la da ama de leite, ama-seca ou babá, que eram as cuidadoras de fato.

Compreender o que é ser mãe e qual a diferença do termo com a função materna é o principal caminho que a sociedade deve percorrer para quebrar paradigmas de que um está vinculado ao outro. A palavra ‘mãe’ não se limita apenas ao gênero feminino, pois isso excluiria, por exemplo, pessoas transgênero e homossexuais que adotam crianças, ressaltando que homens transgêneros podem gerar filhos sem se autodenominar mãe. Isso significa que este termo vai além dos fatores biológicos e de gêneros, o mesmo acontece com a função materna.

Segundo Iaconelli (2023) é cada vez mais frequente observar pais realizando os mesmos cuidados maternos com os filhos, algo que antigamente era atribuído somente às mulheres. Exceto o fato de homens cis gêneros não poderem gerar um bebê e pari-lo, as demais funções acerca da criação da criança, um homem também pode (e deve) fazer. Desta forma, é possível concluir que a maternidade não pode ser imposta especificamente às mulheres a partir do momento em que o avanço da sociedade demonstra que esse papel vai além dos cuidados da mãe.

---

<sup>2</sup> Arapesh: Um membro de um povo papua da Papua Nova Guiné. Fonte: Collinsdictionary.



O pai e os demais familiares também podem exercer essa mesma responsabilidade. No entanto, essa transformação social ainda não é regra, e a reportagem “Mães no Patriarcado” evidência a sobrecarga mesmo quando as mulheres são casadas.

## **2.2 O mito do amor materno e a sobrecarga psicológica**

Na Idade Média as crianças eram desprovidas de atenção e amor dos pais pela alta sociedade europeia, excluindo relações afetivas conjugais e com os filhos. A maternidade era desvalorizada, as mães não exerciam este papel e atribuíam às camponesas que eram responsáveis por cuidarem e alimentarem as crianças com seu próprio leite. A maternidade só passou a ser valorizada entre os séculos XVII e XIX com a chegada do capitalismo e ascensão da burguesia que estabeleceu a divisão entre esferas pública e privada, de modo a tornar o Estado responsável pelas relações de produção, e a família pela condição de sobrevivência. Deste modo a mãe passa a ser a principal responsável pelo filho tanto nos cuidados, quanto na amamentação. Uma boa mãe era aquela que nutria um amor incondicional pela criança (Gradvohl; Osis; Mkuch, 2014).

Até o século XIX o homem ocupava espaço público na tomada de decisões e de poder na sociedade, enquanto à mulher, era atribuído o papel de ser boa esposa, cuidar da casa, do marido e dos filhos em tempo integral, tornando a maternidade a função mais valorizada socialmente. As mulheres não tinham tempo para descanso, nem mesmo para ficarem doentes, pois se pensassem em deixar de lado as obrigações com a família, eram acusadas de negligentes pelas pessoas, dando espaço para o sentimento de culpa (Soares, 2021). Isso significa que o amor incondicional pela maternidade e os cuidados que as mulheres tem com os filhos atualmente nem sempre existiu, mas foi construído pela sociedade.

Baseado nas ideias de Kalil e Costa (2013) e de Carvalho (2013), Silva e Souza (2021) enfatizam que a idealização do amor materno começou a ser desconstruída por meio da obra “Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno”, de Elizabeth Badinter, que destaca que o amor materno não é uma concepção natural, mas uma construção social de que a mulher tem um sentimento amoroso e afetuoso automático pela criança desde a gestação. Para Tourinho (2006) “O conceito de amor materno foi assimilado de forma contundente, e por muito tempo não



questionável como se fosse uma situação “*sine qua non*”<sup>3</sup>: mulher = maternar”. Ser mãe deveria ser um desejo universal para todas as mulheres independente das condições socioeconômicas e culturais, como se elas nascessem com esse dom instintivo.

É imperativo destacar que “o amor materno e o “cuidado naturalmente disponível” são entidades construídas socialmente e não representações cognitivas pré-formadas, ou seja, não são espontâneas, existem diversos fatores que podem influenciar no desenvolvimento, forma e modos de vivencia-los. (Azevedo, Azevedo; Saldanha, 2022. p.4)

A reportagem mostra isso ao entrevistar uma mulher que não se identificou instantaneamente com a filha após o seu nascimento. Para ela, a recém-nascida era um ser estranho e, por isso, não sentiu aquele amor incondicional descrito por outras mães na maternidade.

Com o avanço da tecnologia e a presença das redes sociais as mulheres têm ganhado mais espaço para falarem abertamente sobre como se sentem em relação a maternidade e ao impacto negativo que tem sobre elas.

A atriz Karla Tenório criou em 2017 uma página no *Instagram* chamada Mãe Arrependida, onde por meio de postagens em texto, vídeos e relatos de seguidoras, busca amparar mulheres que, assim como ela, não gostam de ser mães. A atriz é mãe de uma menina de 13 anos, fruto de uma gravidez desejada e planejada. Assim como relatado por Badinter (1985), logo após o nascimento da filha Karla não sentiu aquele amor que tanto imaginou que teria ao vê-la pela primeira vez e desenvolveu psicose pós-parto, um transtorno compulsivo em cuidar excessivamente da criança, causado pelo sentimento de culpa.

As obras cinematográficas também são referências para dialogar sobre o assunto, como é o caso do drama “A Filha Perdida” da cineasta Maggie Gyllenhaal. Baseado na obra literária de Elena Ferrante, o filme retrata a vida de Martha, uma mulher de 48 anos que abandonou por três anos as duas filhas quando tinham cinco e sete anos de idade, por se sentir exausta da maternidade. É interessante ver como a protagonista não se arrepende de ter vivido esses três anos longe das filhas. O filme mostra que a maternidade começou a ser exaustiva quando Martha

---

<sup>3</sup>Sine qua non: Algo indispensável ou essencial para que outra coisa aconteça; obrigatório. Fonte: Dicio- Dicionário Online de Português; Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sine-qua-non/>



passou a ficar maior parte do tempo sendo mãe e cuidando das crianças, sem ter tempo para se cuidar, enquanto o marido se ocupava apenas com o trabalho<sup>4</sup>.

Ser mãe é uma realização para a mulher que deseja ter filhos, mas a rotina de cuidados pode ser cansativa e estressante. Um recém-nascido mama em média a cada três horas, tem cólicas e precisa fazer a troca de fraldas em horários indefinidos, e a mãe tem que se acostumar com essa prática habitual pelos próximos 12 meses do ano, visto que é ela quem irá ficar com a maior parte dos cuidados ao recém-nascidos. Em entrevista publicada no Uol o pediatra Paulo Borchert ressalta que “A rotina de cuidados do bebê depende do ritmo dele e de sua mãe. Com o tempo, as coisas vão se ajustando, permitindo que a mãe cuide de si e de seus afazeres”. Esta fala do pediatra reforça a visão de uma sociedade presa no pensamento de que os cuidados com um recém-nascido são voltados apenas para as mães, excluindo a presença do pai que também é importante.<sup>5</sup>

A fala de uma das entrevistadas evidencia esse cenário: “Eu chegava a chorar ao conversar com o pai da minha filha dizendo que estava muito cansada e ele dizia que também trabalhava e estava mais cansado do que eu, e essa era a desculpa dele”. Isso mostra que a realidade de muitas mulheres são o oposto da visão idealizada apresentada pelo especialista. Nem todas conseguem retomar a rotina após o nascimento de um filho e dar conta de tudo, sozinhas, sem se sentirem sobrecarregadas.

De acordo com Bezerra (2020) a sociedade é responsável por impor papéis sociais diferentes para homens e mulheres, determinados pelo convívio familiar, tipos de vestimentas e brinquedos, contribuindo para uma visão traçada em quais atitudes são consideradas adequadas para cada um de acordo com o gênero. As meninas são ensinadas desde a infância a brincarem de casinha, boneca e cozinha, enquanto os meninos brincam de carrinho e jogar bola. Estas brincadeiras estereotipadas colaboram para que haja uma divisão nas tarefas domésticas e da maternidade, como se coubesse à mulher realizar esses afazeres.

Deste modo, cada mulher vivencia esses eventos de forma única, o desejo de ser mãe surge muito antes do casamento, constitui-se em um processo que se inicia

---

<sup>4</sup> Filme disponível na plataforma de *streaming Netflix*

<sup>5</sup> Cuidados com os bebês nos primeiros meses de vida, Jornal UOU, por Juliana Conte. Publicado em 24, setembro de 2015. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/cuidados-com-os-bebes-nos-primeiros-meses-de-vida/>.



desde da infância e na adolescência, com as simples brincadeiras de boneca. (Bezerra, 2020, p.12).

A sobrecarga da maternidade surge a partir do momento em que a mulher se vê sozinha, cuidando dos filhos e da casa a maior parte do tempo, sem ter tempo para cuidar de si. O papel de ‘cuidar’ na maioria das vezes é atribuído à mulher devido à construção histórica, cultural e social, visto que ao gênero feminino eram atribuídos trabalhos de cuidados com a casa, marido e família considerados valores morais sem espaço para questionamentos. Esta construção é machista e patriarcal, pois aos homens cabe o trabalho em ambientes públicos e bem remunerados, o que leva uma parcela da sociedade defender que a obrigação do pai é ser o provedor. (Silva, Abreu, Cardoso, Silva, 2020).

Quando pensamos no papel de mãe, socialmente imaginamos aquela mulher que está disponível para as necessidades daqueles que precisam dela. É também socialmente delegado à mulher o lugar do cuidado, não é por acaso que profissões associadas ao cuidado são historicamente destinadas às mulheres, como por exemplo, domésticas, babás, cuidadoras de idosos, enfermeiras e professoras. (Silva, Abreu, Cardoso, Silva, 2020.p.4).

Na pandemia o esgotamento mental se intensificou entre as mulheres em decorrência do isolamento social. Uma pesquisa realizada pela *Mommys* em 2023, mostrou que 49,1% das mulheres entrevistadas diziam se sentir em um limbo emocional sendo que 80% delas não tinha doenças mentais ou físicas diagnosticadas. A sobrecarga da maternidade não é um fato isolado e atinge mulheres de todas as idades, além de contribuir para o surgimento de doenças como depressão, ansiedade e *Burnout*<sup>6</sup> materno, causados muitas vezes pela solidão e o cansaço. Duas das entrevistadas apresentaram problemas de transtornos mentais durante o puerpério. Uma delas tinha rede de apoio de amigos e familiares e a outra não, evidenciando que qualquer mulher pode vivenciar isso independentemente da realidade em que vive.

### **2.3 Desigualdade de gênero e Mercado de Trabalho**

---

<sup>6</sup>Burnout: Distúrbio psíquico ocasionado pelo excesso de trabalho, sendo capaz de levar alguém à exaustão extrema, estresse generalizado e esgotamento físico; comumente conhecido como Esgotamento Profissional ou Síndrome do Esgotamento Profissional. Fonte: Dicio- Dicionário Online de Português; Disponível em: <https://www.dicio.com.br/burnout/>.



Até o século XIX as mulheres casavam e se ocupavam dos serviços domésticos em casa enquanto o homem trabalhava fora. No século XX com a Primeira Guerra Mundial e a chegada das indústrias, as mulheres começaram a exercer trabalhos remunerados para poder sustentar a família, enquanto o companheiro servia a guerra. Embora as mulheres comessem a ocupar mais espaços nos empregos formais e cargos públicos, à elas ainda eram concedidas atividades como cuidados com a casa e família, e aos homens trabalhos remunerados, pois deviam ser os provedores da família (Querino, Domingues, Da Luz, 2013). Machado (2023) define que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho em parte, é originada pelas sobrecargas de responsabilidades vivenciadas por mulheres, pois além do trabalho profissional, elas têm que cuidar da casa e dos filhos, exercendo dupla jornada de trabalho não remunerado e economia do cuidado.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizou um estudo que analisava as possíveis causas que contribuíam para a desigualdade de gênero no trabalho entre casais brasileiros em 2019. O resultado publicado em 2023 apontou que no Brasil as mulheres executam uma carga maior de trabalhos domésticos e cuidados não remunerados em comparação aos homens. A presença de filhos amplia o tempo gasto no trabalho doméstico mesmo que esse tempo diminua à medida que a idade das crianças aumenta. A pesquisa também mostra que mesmo quando as mulheres respondem pela maior parte da renda do casal, continuam sendo responsáveis pela maior quantidade de trabalho doméstico, pois essa prática é vista como ‘tradicional’ na sociedade.

Quando a mulher está trabalhando, ela tem direito a licença maternidade garantido pela Constituição e pela Consolidação das Leis dos Trabalhos (CLT) que assegura a elas o benefício de ficarem até 120 dias afastadas do serviço em prol dos cuidados ao recém-nascido. De acordo com uma pesquisa realizada em 2016 pela Fundação Getúlio Vargas após o período da licença maternidade metade das mulheres são demitidas pelas empresas por justa causa. A pesquisa mostra que trabalhadoras com maiores níveis escolares apresentam queda de emprego de 35%, enquanto para trabalhadoras com menores níveis de escolaridade a queda é de 51%. É importante ressaltar que na busca por emprego as mulheres com filhos também sofrem discriminação e muitas vezes não são aceitas pelas empresas por deduzirem que elas não serão capazes de conciliar a maternidade com o trabalho.

O direito à licença-maternidade foi reconhecido nacionalmente pela Consolidação das



Leis do Trabalho (CLT) em 1943, durante o regime de Vargas. A mulher tinha o direito de se afastar do serviço por 84 dias, sendo seis semanas antes do parto e seis semanas depois do parto. Durante esse período de afastamento, a gestante continuava sendo remunerada pelo empregador. Em 1973, a licença-maternidade passou a ser custeada pela Previdência Social, sem nenhuma redução no salário. Além disso, a CLT concedeu ao pai o direito de se ausentar do trabalho por um dia após o nascimento do filho para fazer o registro civil do recém-nascido no cartório (Sorj; Fraga, 2022).

Neste período o governo Vargas realizou mudanças no Estado Nacional e na economia. As mulheres eram asseguradas pelas leis de proteção à maternidade que as proibiam de exercer trabalhos insalubres; o Estado incentivava o crescimento da natalidade que favorecia o modelo familiar fundamentado no casamento formal e também estabeleceu a disciplina ‘economia doméstica’ que era obrigatória no currículo escolar, pois a mulher era considerada a base da família; de 1930 a 1940 os homens ocuparam a maior parte dos setores industriais e de serviços, pois os sindicalistas exigiram o salário família para os homens chefes de família, enquanto as mulheres começaram a perder cargos que eram bem remunerados nas indústrias e passaram a exercer trabalhos informais, como empregadas domésticas. A partir desta construção de Estado Moderno a desigualdade de gênero aumentou, pois as mulheres eram vistas como procriadoras e donas de casa, e os homens como provedores da família. (Sorj; Fraga, 2022).

A nova Constituição Federal de 1988 (CF/88) ampliou a licença-maternidade no Brasil para 120 dias e estendeu a licença-paternidade para 5 dias. Segundo Pimentel (2017), a licença-paternidade, por não ser remunerada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e sim pelo empregador, dificulta a adesão de empresas privadas ao Programa Empresa Cidadã. Essa diferença faz com que o homem seja visto como um colaborador da mulher nos cuidados com o filho, enquanto a ela cabe o papel de assumir todas as responsabilidades de dedicar a maior parte do seu tempo aos cuidados com o recém-nascido. Mesmo com garantias, as mães ainda encontram dificuldades para entrar e permanecer no mercado de trabalho, como a reportagem evidenciou na história de uma entrevistada que foi mãe solo na adolescência, é uma mulher negra e vive em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Por diversas vezes ela foi rejeitada nas entrevistas de emprego por ter uma filha pequena e pela cor de sua pele.

Todas essas problemáticas e suas correlações foram abordadas em formato de reportagem, que discutimos a seguir.



## 2.4 Produto Reportagem

A reportagem é um formato jornalístico que pode ser trabalhado na forma de um texto que começa pela escolha da temática, fontes de informações, seleção lexical e estilo apropriado de narrativa conforme o tema abordado (Renó, Santos, Gonçalves, 2016). Diferente da notícia a reportagem pode ser narrativa, pois não só transmite fatos, como também conta histórias de pessoas, cria ambientes e desenvolve personagens. A narrativa da reportagem pode ser vista como expressão humana devido a exploração de questões complexas e apresentação de pontos de vista diferentes sobre determinado assunto.

Fundamentado nas ideias de Medina (1988), Lobato (2016) afirma que a reportagem narrativa possui quatro grandes características: a ampliação das informações imediatas, que seriam as notícias; a humanização do relato, que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo; a ampliação do fato por meio do contexto; e a reconstituição histórica dos fatos. Estas características demonstram que a reportagem narrativa vai além de apenas noticiar um fato ocorrido. Ela busca contextualizar as informações obtidas e recorre a uma ou mais fontes para contar a história. Enquanto a notícia é um pequeno recorte que responde ao lead, a reportagem narrativa humaniza os acontecimentos e introduz o leitor à cena dos acontecimentos, permitindo que ele imagine a situação descrita pelo jornalista.

O que caracteriza o campo do jornalismo, desde sua gênese, como um gênero narrativo está tanto em seu exterior – discursos circulantes que o legitimam – quanto no interior, em seus procedimentos e técnicas de narração. Esse aspecto abre espaço para discutirmos as próprias funcionalidades do jornalismo e faz-nos, desde já, notar uma característica importante: sua atuação como sistema não só de mediação de conhecimento, mas de transmissão de experiências e conformação do visível. (Lobato, 2016, p. 4)

A reportagem narrativa também pode utilizar técnicas presentes no jornalismo literário que nasce a partir da inserção do *New Journalism* em 1960 nos Estados Unidos, onde este tipo de jornalismo ia contra as premissas da objetividade e imparcialidade. O jornalista Tom Wolfe foi o principal representante do *New Journalism*, pois via o jornalismo cotidiano superficial, sem profundidade nos relatos dos acontecimentos. Para Wolfe, o jornalismo poderia ser mais do que ‘só relatar fatos’, ele poderia contar a história completa. (Ritter, 2013).



O texto narrativo não precisa estar necessariamente ligado a literatura, pois envolve um narrador que cria cenários, ambientes e diálogos que envolvem o leitor na história que está sendo contada. Por isso, também pode ser utilizado no jornalismo, mas para que seja possível introduzir elementos literários, é necessário que o jornalista esteja atento ao que a fonte diz, seja perceptivo aos detalhes no entorno e crie uma história que tenha começo, meio e fim para que possa transmitir a mensagem com coerência ao público que deseja (Nascimento; Condorelli, 2015).

Para as narrativas contextualizadas há que se contemplar os nexos, as significações desejáveis à audiência, de modo que estes sintam os sentidos das mensagens às suas vidas. Em suma, construir narrativas implica que o comunicador necessita absorver/compreender os fenômenos para poder narrá-los. (Ijuim, Suijkerbuijk, Schimidt, 2008.p. 140).

Segundo Pena (2005), o jornalismo literário vai além de simplesmente escapar das limitações de um trabalho em redações jornalísticas ou da produção de um livro-reportagem. Ele é capaz de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, trabalhar com fontes que não sejam necessariamente especialistas e dar profundidade aos relatos. Além disso, o jornalismo literário pode se desvencilhar da obrigação de responder às perguntas do lide no primeiro parágrafo e, principalmente, romper com as duas características principais do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Isso não significa que o jornalismo literário abandona o que foi aprendido no jornalismo diário. Pelo contrário, o jornalista valoriza e utiliza essas habilidades, como, por exemplo, a abordagem ética e a apuração.

Para Alves e Sebrían (2008), o jornalismo, seja em notícias ou reportagens, trabalha com o relato humanizado, indo além de apenas informar sobre o fato ocorrido. O jornalista não se relaciona apenas com o acontecimento a ser comunicado, mas também com os indivíduos envolvidos. Para entender os acontecimentos sociais, é fundamental compreender igualmente as pessoas que participam deles. O repórter precisa ter uma observação objetiva por meio dos sentidos que envolvem a emoção, afetividade e subjetividade.

Então, pode-se entender que o relato das ações humanas, a compreensão dos sentidos dos fenômenos, é o resultado da observação/percepção e, ao mesmo tempo, da reflexão dos fenômenos. (Alves, Sebrían, 2008.pg. 9).



Amaral (2021) defende em sua pesquisa que “o jornalismo literário ou humanizado se difere nos recursos, na melodia do texto, sendo capaz de transportar os leitores para dentro dele”. Trabalhar com jornalismo humanizado pode ser redundante, visto que para se tornar um jornalista, o profissional precisa antes de tudo, ser humano e saber como relatar com respeito, empatia e sem julgamentos um acontecimento vivido pelo seu entrevistado. O jornalista é um desconhecido pela fonte, mas não pode estar distante do fato e por isso é importante que o profissional se coloque no lugar da fonte para poder entendê-la e compreendê-la. Por isso as reportagens são necessárias, pois são mais aprofundadas pelo jornalista, capaz de fazer o leitor refletir sobre determinada situação sem julgamentos.

Foi justamente o que tentamos fazer na reportagem: ampliar fatos de maneira contextualizada, aprofundada e humanizada para tratar um tema complexo, priorizando quem viveu aquela experiência.



### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A maternidade sempre foi um tema que me chamou atenção, não pelo desejo de ser mãe, mas pelas problemáticas associadas à desigualdade nos cuidados parentais entre homens e mulheres. Realizar esse trabalho no formato de reportagem narrativa me permitiu emergir nas histórias de cinco mães e compreender que os desafios da maternidade não são experiências isoladas, o que se transforma é o perfil da mulher que vivência essa realidade.

Independentemente se for solteira ou casada, os desafios enfrentados pelas mulheres serão maiores, principalmente quando não possuem uma rede de apoio, ou vivem em situação de vulnerabilidade. A análise das entrevistas, das pesquisas documentais e de dados, mostrou que questões como a exclusão de mães no mercado de trabalho, a sobrecarga da jornada dupla e a culpabilização diante casos de aborto contribuem para que a sociedade seja retrógrada e permaneça com costumes patriarcais moldados em épocas anteriores.

Em uma entrevista de emprego o gênero masculino não será questionado se tem filhos, porque na maioria dos casos é a mãe que está responsável pela criança. Quando uma mulher dá à luz, precisa ficar em casa durante o puerpério e também fazer os serviços domésticos porque não tem uma rede de apoio ou condições financeiras de pagar alguém para ajudá-la e, são poucos os parceiros conjugais que ajudam. No que se refere ao aborto torna-se ainda mais evidente o peso da responsabilização feminina: a sociedade condena a mulher por desejar interromper uma gestação indesejada, mas não dá qualquer suporte para o filho que nasce pela vontade de outrem e ainda naturaliza e não culpabiliza o homem pelo abandono paterno.

As histórias dessas cinco mulheres representam apenas uma parte de inúmeros desafios vivenciados por tantas outras mães no Brasil. A reportagem “Mães no Patriarcado” foi desenvolvida para gerar reflexões acerca da romantização da maternidade socialmente construída e expor um modelo de maternagem que é fruto, de uma estrutura machista e patriarcal. A intenção não é propagar que ser mãe é errado, mas evidenciar que há um atraso social presente no modelo atual de maternagem, que sobrecarrega as mulheres. Como reforça Iaconelli (2023), a maternidade não deve ser associada como uma responsabilidade exclusivamente feminina, mas como um processo de cuidados que envolve o pai, também responsável pela concepção do filho.

A escolha pelo formato de reportagem narrativa não foi apenas uma escolha editorial,



mas uma maneira de me desenvolver pessoalmente e quebrar barreiras limitantes que me faziam duvidar da minha capacidade na escrita. O processo não foi fácil, muitas dúvidas surgiam, mas ao concluir esse trabalho compreendi que para ser jornalista é preciso muito mais do que dominar a escrita: é saber escutar os relatos com atenção e sempre se colocar no lugar do outro.



#### 4.REFERÊNCIAS

AMARAL, Romila Hoffman. **Jornalismo Humanizado: uma análise da produção da repórter Eliane Brum**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/11026;jsessionid=FD0571869FD4E4784F24C231683A8C44>. Acesso em: 23 jun.2024. pg. 28.

AMARANTE, Suely. Sobrecarga de trabalho e maternidade é tema de entrevista. Entrevista. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/sobrecarga-de-trabalho-e-maternidade-e-tema-de-entrevista>. Acesso em: 05 abr. 2024.

ALVES, Fabiana Aline, SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico**. Pesquisa Científica, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Guarapuava, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>. Acesso em: 23 jun.2024. Pg.09.

AZEVEDO, Maria Renata Florêncio; AZEVEDO, Regina Lígia Wanderlei; SALDANHA, Ana Alayde Werba. A naturalização da capacidade de cuidar nas mulheres e seus efeitos discursivos na subjetivação materna. **Revista Científica Research, Society and Development**, v.11, n.11, p.1-9, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33785>. Acesso em: 02 maio. 2024.

BADINTER, Elizabeth. **O Conflito: a mãe e a mulher**. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: **Editora Record**, v2, p.224, 2011.

BEZERRA, Janadielle Barreto Esmeraldo. **A Perda da Identidade Feminina após a Maternidade**: morre uma mulher, nasce uma mãe. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – Unileão Curso de Graduação em Psicologia. Juazeiro do Norte, 2020. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1338.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2024.

DELPHY, Christine. **A Maternidade como Construção Social Histórica**. Pesquisa. Universidade de Salamanca. Espanha, 2022. Disponível em: <https://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/cuestionesdegenero/article/view/7351/6052>. Acesso em: 02 abr. 2024.

EMIDIO, Thassia Sousa; HASHIMOTO, Francisco. Poder Feminino e Poder Materno: Reflexões Sobre a Construções da Identidade Feminina e da Maternidade. Artigo Científico de Psicologia. **Revista Unoeste**. v.5, n.2 2008. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/289>. Acesso em: 02 maio. 2024.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte e MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Revista Pensando famílias Online**. v.18, n.1. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bv>



[salud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf](https://salud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf). Acesso em: 04 abr. 2024

IACONELLI, Vera. Maternidade, o que é. **Manifesto Antimaternalista**: Psicanálise e Políticas da Reprodução. 1. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IJUIM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke; SCHIMIDT, Laureane de Queiroz. Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 137-148, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p137>. Acesso em: 04 abr. 2024

LOBATO, José Augusto Mendes. Jornalismo e narratividade em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. v.13, n.2, p. 66-77, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p66>. Acesso em: 07 maio. 2024.

MACHADO, Janaina. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho**: desafios e soluções. Portal Universidade Tiradentes. Sergipe, 2023. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-desafios-e-solucoes/#:~:text=Essa%20desigualdade%20se%20origina%2C%20em,e%20cuidados%20com%20os%20filhos>. Acesso em: 07 maio. 2024.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Materno. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. v.24 (1), p. 44-55. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35wjck8XzbyhMWnhrzG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2024.

NASCIMENTO, Maria Vitória Élide; CONDORELLI, Antonio. **A construção narrativa no Jornalismo Literário**. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Nata, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0253-1.pdf>. Acesso em: 27 de maio. 2024.

NETO, Valdemar Pinho. **Mulheres perdem trabalho após terem filhos**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>. Acesso em: 08 maio. 2024.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. Resultado de Pesquisa registrada na Universidade Federal Fluminense, p.01-15. **Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 24 maio. 2024.

PIMENTEL, Ana Luiza de Francesco Brasiliense. A igualdade de gênero como consequência da aplicação da licença parental no Brasil. **Anais do XII Encontro De Iniciação Científica Da Uni7**. Fortaleza/Ceará, v. 7 n. 1, 2017. Disponível em <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/381>. Acesso em 23 jun. 2024.



PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana; BARBOSA, Ana de Holanda. **Gênero é o que importa:** determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2023. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD\\_2920\\_web.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD_2920_web.pdf). Acesso em: 07 maio. 2024.

QUERINO, Luciane Cristina Santos, DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos, DA LUZ, Rosângela Cardoso. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**. a.2, n.2, p. 1-32. Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170427174519.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2024.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura. **Revista Rizoma**. v.1. n.1, p. 56-70. Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459>. Acesso em: 07 maio. 2024.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 16, p. 137–150, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644543>. Acesso em: 7 maio. 2024.

SILVA, Flaviana Ferreira, SOUZA, Nicolli Bellotti. Romantização da Maternidade e a Saúde Psíquica da Mãe. **Revista Científica Online**. V.13. n.1. p.1 a 21. Minas Gerais. UniAtenas, 2021. Disponível em: [http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ROMANTIZACAO\\_DA\\_MATERNIDADE\\_E\\_A\\_SAUDE\\_PSIQUICA\\_DA\\_MAE.pdf](http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ROMANTIZACAO_DA_MATERNIDADE_E_A_SAUDE_PSIQUICA_DA_MAE.pdf). Acesso em: 02 de maio. 2024.

SILVA, Juliana Marcia Santos, CARDOSO, Vanessa Clemente, ABREU, Kamila Eulálio, SILVA, Livia Souza. A Feminização do Cuidado e Sobrecarga da Mulher-Mãe na Pandemia. **Revista Feminismos**. V.8, N.3, P.149-161. Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 7 maio. 2024.

SOARES, Ana Luísa Silva. **O papel da mulher ao longo da história: influências no conceito de família bem como nas relações de parentesco**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, P.1-36, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31909/1/PapelDaMulher.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2024.

SORJ, Bila, FRAGA, Alexandre Barbosa. Licenças maternidade e paternidade no Brasil: direitos e desigualdades sociais. Trabalho de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, **Revista Brasileira de Estudos de População**, V. 39, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/TPpGsJtpdKy59Hbrg4mjSVM/#>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SOUSA, Marcelle. **Detesto ser mãe e ajudo outras mulheres a lidar com esse sentimento**. Entrevista Uol, 07 de maio de 2021. Acesso em: <https://www.uol.com.br/sou-uma-mae-arrependida-desde-o-parto-da-minha-filha-diz-atriz.htm>. Acesso em: 27 abr. 2024.



TOURINHO, Julia Gama. A mãe perfeita: idealização e realidade. **Revista IGT na Rede**, v.3, N.5, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>. Acesso em: 28 abr .2024.

ZOLIN, Lúcia Ozana e TARDIVO, André Eduardo. A (des)construção da maternidade no romance Com armas Sonolentas, de Carola Saavedra. **Revista Ártemis**. v.31, n.1, P.113-131, 2021. Paraíba, Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/60137>. Acesso em 05 abr .2024.



## **5. APÊNDICES**

### **5.1 Roteiro de perguntas norteadoras**

*Thays Colman / Gleicy Salinas/ Gleisse Souza*

Como era sua vida antes de se tornar mãe?

Como conheceu seu parceiro?

Como e quando descobriu que seria mãe?

Quais foram os desafios que enfrentou ao longo desse percurso?

Quais apoios você teve durante e depois da gravidez?

Seu parceiro lhe ajuda nas tarefas domésticas e cuidados com a criança?

Como se sente atualmente no papel de mãe?

Para você qual o maior desafio em ser mãe?

*Dannielly Motti*

Quanto tempo de formação você tem?

Como era sua vida pessoal e profissional antes de ser mãe?

Como lidar com a gravidez e os problemas que vem junto com ela, sendo psicóloga?

Quais apoios você teve durante e depois da gravidez?

Quais problemas físicos, mentais e psicológicos que as mulheres podem desenvolver na gravidez, e também no pós-parto?

Como você ajuda outras mulheres a lidar com os mesmos problemas que você enfrentou?

Para você qual o maior desafio em ser mãe?

*Amanda Resende*

Como a sua pesquisa foi desenvolvida?

Por que as mulheres negras e mães são mais afetadas no mercado de trabalho em comparação com mulheres brancas?



Quais impactos essa desigualdade pode causar nas mulheres?

Além das mães solo, também existem mulheres que engravidam e são demitidas do trabalho depois que voltam da licença maternidade ou acabam não conseguindo emprego por serem mães. Na sua opinião, por que as empresas evitam contratá-las? Por que para o homem que é pai não há essa exigência?

*Maria Eduarda França*

Como era a Maria antes de ser mãe?

Como foi a descoberta da gravidez?

Teve apoio durante a gestação?

Como foi descobrir o diagnóstico de TEA do seu filho?

Quais as dificuldades em ser mãe atípica?

Você desenvolveu algum problema psicológico durante ou após a gestação?

Como o genitor ajuda com o filho de vocês?

Qual a sua rotina? (principalmente com o filho)



## 5.2 Capturas de tela

### BRIEFING DE IDENTIDADE VISUAL

**Informações de assinatura (sua marca, como você se nomina profissionalmente):** Maternidade

**Subtítulo:** Fora dos contos de fadas é uma reportagem que mostra a maternidade muito além da romantização propagada pela sociedade e traz relatos de mães que enfrentam a sobrecarga em conciliar os cuidados com os filhos, ambiente familiar, o desemprego, dentre outras dificuldades

**Público alvo:** adolescentes e mulheres de até 45 anos

**Qual mensagem o projeto deve transmitir:** desromantizar a maternidade

**Qual mensagem o projeto não deve transmitir:** transmitir para as pessoas o julgamento

**Quais cores você acredita que combinem com seu projeto:** marrom, rosa, vermelho

**Adjetivos que devem o caracterizar:** crítica e objetiva

**O que seria proibido no seu projeto:** cores pastéis

**Quais símbolos e elementos melhor caracterizam o seu projeto visualmente:** elementos da maternidade, sala de parto, laço entre mãe e filho, cordão umbilical, brinquedos, chupeta, fralda, mamadeira

#### Referências:

**Informações extras (Alguma preferência ou restrição):**

1 Copo ilustrado

Introdução + 4 Unidades e 3 infográficos

Marcas do abandono

Paí de cartório

1- Infográfico sobre o que é a violência obstétrica, números de denúncias e canal de denúncia; projetos de Lei

Eu não nasci mãe

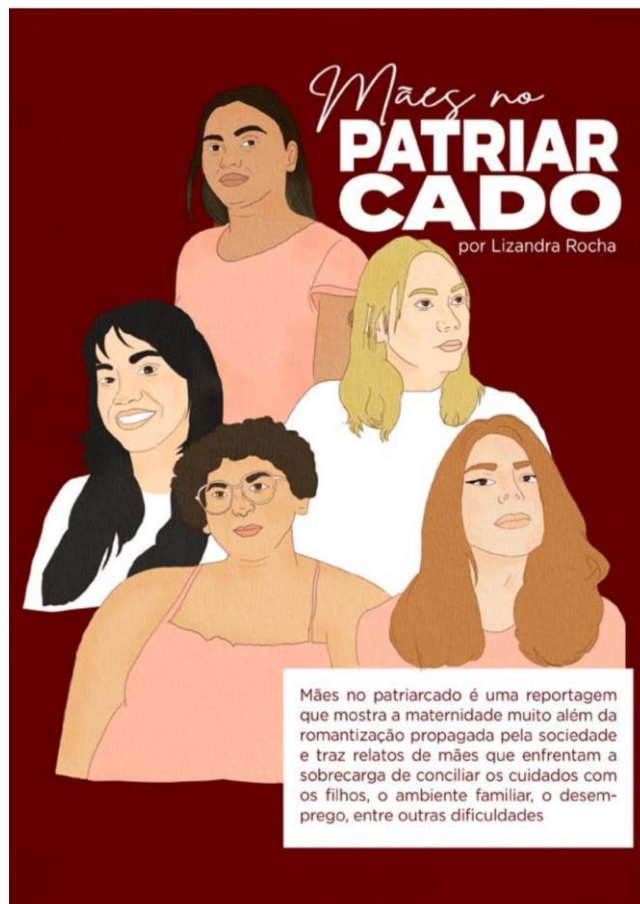
2- Infográfico dos dados obtidos pelo Painel de Monitoramento

1/2

Montanha russa de emoções

3- Infográfico do aborto ilegal no Brasil; quem aborta; motivos; regiões e métodos

Junho dia 26 - 10 de maio entregar para Lisandra



Mães no patriarcado é uma reportagem que mostra a maternidade muito além da romantização propagada pela sociedade e traz relatos de mães que enfrentam a sobrecarga de conciliar os cuidados com os filhos, o ambiente familiar, o desemprego, entre outras dificuldades



